ISSN: 2358-8829

PROBLEMATIZANDO A MERITOCRACIA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA A PARTIR DE UMA ADAPTAÇÃO CONTEXTUALIZADA DO JOGO DA MERITOCRACIA

Italo Mikael de Araujo Nicacio [1]

INTRODUÇÃO

Considerando o panorama político-econômico brasileiro, vivemos sob a regência de um sistema capitalista neoliberal. Este modelo surge após a segunda guerra mundial como uma alternativa a crise global dos anos 70 que se alastrava internacionalmente, defendendo valores como o individualismo e a liberdade em todas as esferas da vida social (Equipo de Educación Maiz,1993) . Nessa conjuntura, ao analisarmos os efeitos da inserção desses valores em escala microssocial as desigualdades, por exemplo, seriam representadas por variações de trajetórias individuais, cuja mobilidade ou ascensão particular dependeria única e exclusivamente dos esforços pessoais do sujeito.

Esse modelo ideológico para explicar o mundo foi nominado de “meritocracia”, que de acordo com Souza (2009) apresenta uma explicação específica para se entender as assimetrias sociais, focando em uma perspectiva individualizada cujo “desempenho diferencial” dos sujeitos justificaria as posições distintas na sociedade, o que busca responder e legitimar o atual desenho da estratificação social.

A perspectiva meritocrática está difundida no imaginário social brasileiro, incluindo aqueles que estão dentro das salas de aula e são o foco do objetivo do ensino e aprendizagem, contudo torna-se necessário utilizar o espaço pedagógico como território de tensionamento de tal ideia, haja vista que essa ideologia desconsidera processos históricos e sociais, relações de poder e mecanismos de hierarquizações sociais sofridos por determinados segmentos da sociedade. Sendo assim, a “falta de esforço” torna-se um aspecto insuficiente para responder determinadas posições na pirâmide social.

[1] Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, italoarj077@gmail.com.

Desse modo, estabelecer um posicionamento crítico frente a esse discurso no cotidiano escolar exige estratégias metodológicas capazes de tornar visíveis os fatores estruturais, sejam eles históricos ou naturalizantes, que condicionam e conservam transcursos sociais, superando uma visão individualizante e superficial do sucesso e do fracasso, dado que tais concepções podem obscurecer a análise das desigualdades sociais, na mesma medida que impede o educando de reconhecer que suas próprias condições e trajetória podem sofrer influências de outros elementos condicionantes.

Visando responder este desafio pedagógico, desenvolveu-se uma intervenção didática junto a quatro turmas de terceiros anos do Ensino Médio Técnico e Integral, fundamentada na adaptação contextualizada do "Jogo da Meritocracia" (Barreto, 2019). Por meio dessa dinâmica, buscou-se proporcionar aos discentes uma vivência prática e reflexiva sobre como as desigualdades de classe, raça, gênero e território operam na sociedade, evidenciando que a competição social é desigual, e por vezes não visíveis em primeira ótica.

Para chegar à atividade pedagógica supracitada, realizou-se anteriormente um acompanhamento com os estudantes, viabilizado pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)[2], além de estabelecer diálogos com a professora titular de sociologia sobre a situação dos estudantes. Em virtude dos problemas pedagógicos analisados, adotou-se um planejamento de aula direcionando-a metodologias ativas (Bacich; Moran, 2018) visando reconfigurar a prática pedagógica para que os estudantes, entre si, tomassem o protagonismo da aula, e o professor se materializa como mediador, resultando em uma adesão positiva dos educandos e combatendo frontalmente os problemas analisados nas observações e nos diálogos com a professora.

Em síntese, o objetivo deste trabalho é relatar e analisar a experiência de adaptação contextualizada e aplicação do "Jogo da Meritocracia" como uma estratégia interdisciplinar, dinâmica e engajadora no ensino de humanidades. Pretende-se demonstrar como o uso da ludicidade articulada ao rigor teórico possibilita a desnaturalização das desigualdades sociais no espaço escolar. Por fim, estes escritos fundamentam-se, principalmente, nas obras de Pierre Bourdieu (2007), Jessé de Souza (2009; 2018), entre outros.

[2] Programa destinado a aproximar licenciandos das salas de aula, permitindo ao graduando realizar atividades pedagógicas, intervenções, regências e acompanhamentos do cotidiano escolar.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de natureza qualitativa, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A intervenção pedagógica ocorreu em quatro turmas de terceiros anos do Ensino Médio de uma escola pública estadual localizada em Natal/RN, tendo como foco o ensino de Sociologia.

Utilizou-se a observação-participante para realizar um diagnóstico inicial, considerando uma análise de observação e imersão longa no cotidiano escolar, demandando a mobilização de retodo os sentidos para estabelecer, também, uma escuta analítica de modo que possibilite compreender as condições dos sujeitos analisados (Valladares, 2007). O emprego da técnica visou estabelecer um panorama das turmas para apreender suas condições físicas, mentais e sociais para a aprendizagem. Desse modo, iniciei o acompanhamento cotidiano das turmas na disciplina de Sociologia no mês de fevereiro a abril de 2026.

Isto posto, optou-se pela adesão de metodologias ativas (Valente, 2018) intuindo dinamizar a prática pedagógica, estabelecer engajamento estudantil e observar a relação dos alunos com diferentes metodologias de aprendizagem. Para sua efetivação realizou-se uma adaptação do “Jogo da Meritocracia” (Barreto, 2019), no dia 23 de abril de 2026, propondo a discussão de situações-problemas vinculadas à temática das desigualdades sociais. O jogo sofreu modificações de acordo com o contexto social, educacional, econômico e espacial dos estudantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo o sociólogo Jessé de Souza (2018), a ideologia meritocrática e neoliberal é sustentada pelo “mito da autonomia individual”. Esta ideia baseia-se na crença de que todos os seres são plenamente autonônomos, livres e capacitados para conquistar o mundo social, bastando que sejam suficientemente disciplinados para alcançar tal objetivo. Esta ideia, apesar de pseudocientífica e superficial, é socialmente acolhida, uma vez que estimula o narcisismo infantil do desejo de nos ver poderosos e capazes.

Entretanto, esta concepção ignora que seres sociais também são passíveis de limitações e coerções estruturais, sejam elas de ordem econômica, racial, de gênero,

espacial e dentre outras. Contudo, o desprezo por essa dimensão, tão importante para se entender os processos sociais, não se configura como mera ingenuidade. Segundo o autor supramencionado em sua obra A Classe Média no Espelho: Sua história, Seus sonhos e Ilusões, Sua Realidade *(Ibid.)*, as ideologias meritocráticas são mentiras produzidas e disseminadas em todas as esferas da sociedade por uma hegemonia social, visando à manutenção do seu poder.

Preservar concepções individualistas tornam os sujeitos escravos da sua ordem social. Uma vez que, se os atores sociais tudo podem, se o mundo está a serviço da sua conquista, se não existem distâncias sociais entre eles, os erros ou fracassos de uma pessoa não podem ser atribuídos a ninguém senão a si mesmos. Nessa perspectiva, a ausência de acessos a recursos e acessos por determinados segmentos da sociedade não possui influências de relações de poder ou de processos históricos e sociais; torna-se o resultado da ausência de disciplina e esforço daquele indivíduo.

Ao encontro das ideias de Souza, Bourdieu (2007) aponta como a instituição educacional apresenta-se como um espaço neutro e igualitário. Entretanto ao perceber que ela trata os estudantes como se todos compartilhassem das mesmas condições e partissem do mesmo lugar, o autor postula que o contexto escolar é, na prática, um espaço de conservação social.

O sociólogo parte do pressuposto de que existem desigualdades pré-existentes ao momento em que os estudantes pisam em territórios pedagógicos, os quais realizam influências diretas em suas trajetórias educacionais. Sendo assim, entendendo que o sucesso escolar depende de heranças e mecanismos invisíveis, Bourdieu associa os conceitos de capital cultural e habitus ao contexto escolar.

O habitus pode ser descrito “como uma incorporação de práticas e pensamentos de determinado campo” (Yamazaki; Yamazaki, 2015, p. 104), ou seja, são esquemas de percepção e ação moldados pela classe e cultivados pela família desde a infância. Paralelamente, o capital caracteriza-se pela apropriação da forma de se comportar, agir, pensar, gostar e conhecer valorizadas e legitimadas por um determinado contexto. Nesse sentido: “Têm capital aqueles que apresentam certos habitus encontrados em vários domínios da vida cotidiana (cultural, econômico, científico etc.) e que são apreciadas pelos distintos campos, tais como as que de alguma forma remetem a preferências as mais diversas, artísticas, musicais, culinárias etc.” (Yamazaki; Yamazaki, 2015, p. 105).

Sob esse panorama, o capital cultural configura-se como códigos culturais, conhecimentos, gostos, habilidades e comportamentos socialmente valorizados por um campo. Os capitais, por vezes, não podem ser reconhecidos à primeira vista, ainda mais se a perspectiva estiver velada pela ideologia meritocrática, haja vista que sua operacionalização não se torna facilmente evidente, dificultando a conscientização dos efeitos das coerções, limitações e ausência de acessos as desigualdades podem ocasionar no cotidiano do indivíduo.

Ademais, essa invisibilidade é efetivada em virtude da transmissão dos capitais a partir das heranças familiares, o que Souza *(Ibid.)* caracteriza como heranças imateriais. Os capitais culturais são transmitidos e socializados dos pais para os filhos; contudo nem todos os atores sociais detêm as ferramentas econômicas ou culturais para transmitir "vantagens culturais", muito pelo contrário, podem acabar transmitindo "desvantagens culturais"[3]. Nesse contexto, os estudantes assim que pisam na escola já estão colocados em uma competição assimétrica sob o pano de fundo de uma falsa "igualdade", haja vista que muitos já possuem o contato prévio com o capital cultural exigido pela instituição, enquanto outros não.

Através dos autores supramencionados, torna-se perceptível que as desigualdades operam de formas muito mais complexas e pouco evidentes no cotidiano, o que ocasiona a adesão social do mito meritocrático. Sob esse panorama, tornou-se necessário utilizar o próprio contexto escolar, criticado por Bourdieu, para problematizar essa ideia e permitir que os estudantes compreendam como algumas situações cotidianas ocorrem em virtude condicionantes sociais.

Desse modo, priorizou-se o uso de metodologias ativas, entendendo-as como um modelo de ensino-aprendizagem em que "(...) o aluno assume uma postura mais participativa, na qual ele resolve problemas, desenvolve projetos e, com isso, cria oportunidades para a construção de conhecimento" (Valente, 2018, p.27). A escolha foi estabelecida como uma alternativa ao modelo expositivo tradicional, o qual demonstrou aparente rejeição por grande parte dos estudantes durante o período da observação. A partir desse processo, iniciou-se a investigação de uma dinâmica apropriada, culminando na escolha do "jogo da meritocracia" (Barreto, 2019).

[3] Não significa que o familiar estaria transmitindo "algo ruim", mas sim algum elemento ou aspecto não valorizado pelo campo em que o sujeito está inserido.

O jogo consiste em dividir o alunado em grupos, distribuindo oito personagens entre eles com características marcantes que envolvem gênero, cor e classe social. A partir disso, sorteiam-se situações-problemas previamente formuladas, solicitando que os estudantes as leiam em voz alta[4]. O intuito do jogo é estabelecer uma competição entre os personagens, no qual aqueles que não forem afetados pelas situações avançam para a próxima casa. A cada rodada, o professor deve questionar os estudantes sobre quem avança ou não e qual o motivo de realizarem tais movimentos. A discussão deve apenas ser mediada, abrindo espaço para que os debates e reflexões dos discentes tomem conta da dinâmica.

Somado a isso, por se tratar de uma adaptação contextualizada, adicionaram-se fatores como o contexto socioespacial nas características dos personagens. Uma vez que Natal, território dividido em zonas administrativas, possui problemáticas marcantes envolvendo desigualdades espaciais e de mobilidade urbana que afetam os próprios estudantes da escola. O objetivo reside em impulsionar a identificação e a reflexão sobre os problemas locais e suas articulações com problemas sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período de observação, foi notado alguns problemas pedagógicos que poderiam dificultar a regência e a aprendizagem em relação à proposta da aula planejada. Dentre os imbróglios percebidos e informados pela professora de sociologia da instituição, destacavam-se, no comportamento discente: a ausência de engajamento com a aula, a falta de pontualidade, o desfoco e a apatia perante o ensino dos conteúdos – sobretudo com o uso de metodologias expositivas tradicionais.

Como já mencionado anteriormente, elaborou-se um planejamento de aula optando pela utilização de metodologias ativas para mitigar tais problemas pedagógicos. Diante disso, as quatro turmas de terceiros anos aderiram de forma surpreendentemente positiva à aula ministrada. Entendendo que os educandos não são blocos homogêneos, esperava-

[4] No plano de aula original da autora, exige-se um espaço amplo para que os estudantes se posicionem em filas horizontais e avancem fisicamente a cada rodada em que seus personagens não sejam afetados. Contudo, na adaptação realizada, optou-se pela escrita do nome dos personagens na lousa com vários quadrados ao lado, marcando um “X” para representar o avanço de cada um. A sala foi disposta em formato circular, e as situações-problema foram impressas, recortadas e colocadas sobre uma cadeira no centro da roda, fazendo com que os estudantes voluntariamente se levantassem e as lessem em voz alta.

se que a heterogeneidade das turmas e dos discentes pudessem engendrar diferentes resultados, ou culminar na rejeição da dinâmica da aula em determinados grupos.

Tal hipótese também adveio das minhas observações, haja vista que enquanto algumas turmas se mostravam mais participativas, barulhentas e interativas – o que por vezes comprometia o andamento da aula ministrada, dado que os ruídos e interações não se relacionavam aos conteúdos, mas sim a assuntos particulares dos discentes – outras se revelavam silenciosas, apáticas e demonstravam mais interesse pelo celular do que pela aula.



Figura 1 – Disposição da sala e estudantes durante a aplicação da adaptação do "Jogo da Meritocracia"

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Entretanto, os processos contínuos de interação e protagonismo dos próprios estudantes fez com que problemas de foco, engajamento e apatia fossem suficientemente neutralizados para prender a atenção deles no jogo. Quando fala em “processos contínuos de interação”, refiro-me aos momentos que compuseram a dinâmica: o ato de algum aluno se levantar para ler a situação-problema, o silêncio necessário para escutá-la e a reflexão coletiva sobre a decisão referente ao avanço ou não do personagem. Todo este conjunto mobilizou os estudantes para um engajamento efetivo na atividade.

A competição amigável – entretanto, por vezes caótica – entre os estudantes também possibilitou uma maior adesão à dinâmica. Alguns personagens distribuídos encontravam-se em extrema desvantagens; por esse motivo, alguns grupos tentavam realizar “trapaças” argumentativas para conseguir avançar uma casa e não ser afetado(a)s pela situação-problema. Contudo, ao questionar o restante dos grupos se a argumentação era válida e se tal grupo/personagem deveriam avançar, iniciava-se um debate reflexivo intenso entre os próprios discentes, mobilizando coerções e limitações sociais que poderiam impedir seu progresso à próxima casa.

ISSN: 2358-8829

Em alguns momentos, as reflexões e os debates tornavam-se acalorados, mas mantinham-se dentro dos limites e do respeito mútuo, utilizando suas capacidades argumentativas, reflexivas e até mesmo vivências cotidianas. Tal engajamento pode ser associado as adaptações realizadas nas situações-problema e nos personagens em consonância com a realidade do alunado, utilizando episódios que eles mesmos vivenciavam, ou veículos midiáticos acessados por eles, objetivando provocar identificação e articular as vivências e os consumos cotidianos com as problemáticas sociais.



Figura 1 – Debate entre os estudantes referente ao avanço dos personagens

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

A exemplo disso, em uma das circunstâncias presentes no jogo, menciona-se que escolas de bairros da zona norte de Natal haviam tido os fios elétricos furtados, provocando a paralisação das aulas. Inicialmente os discentes zombaram e comemoraram a situação, haja vista que não haveria aula nessas escolas; logo em seguida falaram: “isso já aconteceu aqui”[5].

É justamente nesses momentos que reside o papel do professor como mediador, pois, diante da comemoração inicial, propôs-se o seguinte questionamento: “Se os alunos tiveram suas aulas paralisadas enquanto outros seguem normalmente, quem estará possivelmente mais preparado para o ENEM? Quem teve as atividades interrompidas ou quem não foi afetado pelo problema e continuou estudando?”. Após essa provocação, os estudantes guardaram um silêncio reflexivo até partirmos para a próxima situação.

[5] Os furtos de fios elétricos são problemáticas recorrentes da escola, sendo assim me basiei no contexto enfrentado pelos estudantes para elaborar a adaptação do jogo.

A utilização de mídias e de bairros conhecidos por eles também estimulou a participação. Cada menção a bairros ou situações cotidianas representava uma "surpresa nova". Ademais, utilizei um perfil acessado por muitos jovens e adultos da periferia chamado "Via Certa" – o qual veicula notícias e reportagens da cidade por meio das redes sociais, principalmente o Instagram – para apresentar algumas situações-problema sob a forma de reportagens fictícias.

Ao final da dinâmica, foi revisado em conjunto aos estudantes o conceito de meritocracia (conteúdo abordado na semana anterior ao jogo) seguido de uma reflexão coletiva sobre qual personagem havia vencido e qual não havia sequer avançado uma casa, estabelecendo uma comparação quanto às características, aos recursos e aos acessos entre os diferentes perfis, com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre os efeitos das desigualdades na vida dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões empreendidas ao longo deste trabalho permitiram avaliar o alcance da intervenção pedagógica realizada por meio da adaptação do "Jogo da Meritocracia" (Barreto, 2019) em turmas do Ensino Médio de uma escola pública em Natal/RN. A aplicação empírica demonstrou que a utilização de metodologias ativas, quando articulada à realidade socioespacial dos discentes, constitui um recurso potente para o ensino de Sociologia e para o fomento ao pensamento crítico.

No que tange aos resultados alcançados, o jogo cumpriu com êxito a proposta de problematizar a ideologia do "mito da autonomia individual" (Souza, 2018) sob a utilização de situações cotidianas, além de desnaturalizar a concepção de que as desigualdades sociais são frutos exclusivos do mérito ou do esforço pessoal.

A dinâmica não apenas neutralizou a apatia e o desengajamento observados nas aulas expositivas tradicionais, como também mobilizou os estudantes em um processo contínuo de argumentação, escuta e reflexão coletiva. Questões concretas do cotidiano urbano de Natal – como a precariedade da infraestrutura e os furtos de fios em escolas – serviram como pontes analíticas para conectar as vivências cotidianas dos alunos às desigualdades estruturais e aos conceitos bourdieusianos.

Acrescido a isso, destaca-se a versatilidade metodológica da ferramenta no que tange ao ensino-aprendizagem. A possibilidade de reformular as situações-problema

evidencia que a estrutura do jogo não se restringe ao componente curricular de Sociologia, revelando-se como uma estratégia interdisciplinar viável e de grande potencial para outras áreas do conhecimento, sobretudo no âmbito das Ciências Humanas.

Em síntese, aponta-se a necessidade de novas pesquisas e investigações no campo das metodologias ativas e do ensino de Sociologia, que continuem a explorar caminhos pedagógicos capazes de tensionar discursos meritocráticos arraigados no cotidiano escolar. Espera-se que este relato de experiência possa inspirar e subsidiar novas práticas docentes comprometidas com o desenvolvimento do pensamento crítico do cotidiano estudantil.

Palavras-chave: Meritocracia; Desigualdades, Metodologias Ativas, Ensino de Sociologia.

REFERÊNCIAS

BACICH, L.; MORAN, J. (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BARRETO, S. M. **Plano de Aula: Jogo da Meritocracia**. In: FREIRE, R. Conheça o Jogo da Meritocracia. *Sociologia em Movimento*, 27 mar. 2019. Disponível em: https://semusp.wixsite.com/home/post/meritocracia. Acesso em: 10 abr. 2026.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *In*: BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Organização de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 39-64.

EQUIPO DE EDUCACIÓN MAIZ. **O neoliberalismo: ou o mecanismo para fabricar mais pobres entre os pobres.** Tradução: DESER. São Paulo: PEDEX; Porto Alegre: Cooperativa de Produção e Edição do RS, 1993.

SOUZA, J. (org.). **A ralé brasileira**: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, J. **A classe média no espelho**. 1. ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

VALLADARES, L. **Os dez mandamentos da observação participante.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 22, n. 63, p. 153–155, fev. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/H6CDbCRcfpPK3YmWcrrpw4K/. Acesso em: 31 ago. 2026.

VALENTE, J. A. **A sala de aula invertida e a possibilidade do ensino personalizado**. *In*: BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. cap. 1.

YAMAZAKI, R. M. de O.; YAMAZAKI, S. C.. **Conceitos de Bourdieu em um mapa conceitual.** *In*: I JORNADA PIERRE BOURDIEU E O ENSINO DE CIÊNCIAS, 2015, São Paulo. Atas. São Paulo: Instituto de Física - USP, 2015. p. 104-107.